

Análise dos discursos veiculados ao Jornal de Umbanda e seus possíveis impactos na construção de uma doutrina umbandista no Rio de Janeiro na década de 1950¹

Mariana de Brito Melo Santos²
Bárbara Regina Altivo³
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Resumo

O presente artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso da autora e se debruça sobre o “Jornal de Umbanda: Órgão Noticioso e Doutrinário da União Espiritista de Umbanda (UEUB)”, periódico carioca que circulou na década de 1950, articulado pela UEUB, que teve em seus objetivos unificar e superintender as Tendências e outras sociedades umbandistas, marcadas pela pluralidade afropindorâmica. O Jornal de Umbanda buscou orientar o ritual, a filosofia, a doutrina e a moral da religião, além de defender e propagar a doutrina espiritista cristã de Umbanda. Este trabalho investiga as marcas narrativas de violência cosmológica operadas pelo periódico, em seu viés de embranquecimento das divindades e mitologias africanas através do sincretismo, moralismo e demonização.

Palavra-chave: Umbanda; embranquecimento; cosmologia; racismo; cristianismo.

1. Introdução

O Jornal de Umbanda, periódico produzido pela União Espiritista de Umbanda, circulou, sobretudo, na década de 50, com produção e concentração no Rio de Janeiro, era produzido por Jayme Madruga, o então diretor chefe, autor de muitas matérias do veículo e membro do primeiro Congresso Espiritista de Umbanda, de 1941, sendo reconhecido como relevante intelectual da época no âmbito das religiões espiritualizadas. O jornal surge e cresce no intuito de produzir uma cartilha umbandista, onde ditava normas a serem seguidas, padronizava ritos da religião, definia conceitos eurocêntricos para as práticas e para as entidades de origens africanas e indígenas, além de tentar construir uma comunidade umbandista brasileira.

Para compreender o produto citado, é importante uma breve retomada de conceitos que pairavam a década de 1950 no Brasil, e sobretudo no Rio de Janeiro, capital brasileira da época, em parcela da população, como a busca por modernidade, evolução, urbanização, construção de identidade nacional e muitas outras revoluções e inovações. Em um cenário global pós Segunda Guerra Mundial, era urgente impor-se em cenário global, assim, seria imprescindível “civilizar” o país, seguindo noções de Norbert Elias

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Comunicação e Interfaces, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 9º Semestre, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (Fafich – UFMG); email: marianabmelos@gmail.com

³ Professora Doutora, orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso que culminou, posteriormente, no presente artigo, e-mail: barbaraltivo@gmail.com

(1990), pois, aproximá-lo do colonizador branco e europeu e distanciá-lo, mais ainda, do Brasil negro e indígena, significaria organização e progresso - consoante positivismo que ditava os rumos da nação. Uma estratégia cultural para unificar o país foi a ideia da “democracia racial”, articulada por trabalhos como os de Gilberto Freyre, nos anos de 1930. Essa ideia afirma que no Brasil não existe racismo e romantiza a miscigenação brasileira, como uma “rica mistura”.

Paralelamente, acontecia no campo religioso brasileiro o contínuo crescimento do espiritismo Kardecista, importado da França, mas com nova roupagem cristã. Essa “nova” religião foi bem assimilada entre parcela da elite brasileira pois não era novidade, no Brasil, cultos que se comunicassem com espíritos, como a cosmologia afropindorâmica, apesar das severas repressões e proibições.

Rapidamente, os centros espíritas que praticavam o kardecismo ficaram conhecidos como “alto espiritismo”, enquanto as macumbas cariocas, os candomblés, os catimbós e Juremas Sagradas eram chamados de “baixo espiritismo”. A diferença entre as duas classificações era baseada através das entidades que cada um trabalhava e recebia em seus momentos de culto. O “alto” receberia espíritos que em vida dominavam saberes científicos, como médicos, advogados, poetas e intelectuais, enquanto o outro trabalharia com entidades que foram pessoas comuns, lavadeiras, cozinheiras, benzedadeiras, indígenas, escravizados e outros.

Retomando o conceito de civilização e civilidade, o “alto espiritismo” era considerado civilizado, enquanto o “baixo espiritismo” não seria e precisaria de uma doutrinação para poder se portar em sociedade. Com a solidificação das bases do espiritismo à brasileira, juntamente ao conhecido “surgimento da umbanda”, com o médium Zélio Fernandino de Moraes e a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, e a permanência, mesmo com repressões e tentativas de encaixar-se nas giras da branquitude, das macumbas em todo Brasil, instaura-se no contexto religioso uma certa hierarquia entre as religiões espiritualizadas. O espiritismo kardecista, importado da França, seria a melhor opção a se seguir, caso a procura fosse por uma religião mais espiritualizada. O Kardecismo é cristão, branco, recebe ensinamentos de espíritos considerados elevados, como de falecidos intelectuais, médicos, padres e freiras.

É por meio de investimentos simbólicos que a branquitude e o kardecismo, atrelados aos ideais de urbanização, racionalismo, cientificismo, civilização e positivismo, vão operar, nesse caso, sobre as religiões de matriz africana, de modo a “torná-las mais aceitáveis”.

O Jornal de Umbanda surge como parte do investimento da “umbanda branca” em calar vozes como a de Tancredo da Silva Pinto, a partir da demanda de institucionalizar a religião incipiente com base em narrativas que fossem mais viáveis para a branquitude. Uma invasão na literatura brasileira, em um momento da história em que o analfabetismo ainda era extremamente presente em todo o país e que consumir jornais ou livros era um hábito que dependia de um relativo prestígio econômico. Considerando esses fatores, depreende-se que o veículo era não só produzido por elites, visto que para custear um jornal é necessário um capital elevado e tempo para produzi-lo, além da escolaridade completa, mas como também era feito para as elites, que pagavam para tê-lo.

O Jornal reforçava premissas como a vivência harmônica entre raças, reforçava ideais kardecistas dentro dos terreiros, como a prática da caridade, a evolução espiritual, a separação e hierarquização entre os espíritos de “alto” e “baixo” escalão e outros aspectos que serão abordados ao longo da pesquisa. Em resumo, o instrumento buscava homogeneizar os cultos umbandistas no Rio de Janeiro, e posteriormente no país todo. Buscava estabelecer um padrão para o funcionamento das casas e construir uma espécie de cartilha que pudesse ser consultada em caso de dúvidas, por pessoas de dentro e de fora da religião.

O material associado aos meios de comunicação pode ser apenas um exemplo de tantos investimentos e influências que a Umbanda, e os cultos de matriz africana, de modo geral, sofreram da doutrina Kardecista brasileira. Até a contemporaneidade é possível observar como muitas ideologias difundidas no próprio Jornal de Umbanda ainda são presentes em muitas casas, provocando a reflexão sobre como a branquitude, de forma ideológica, pode ter se infiltrado nos cultos de matriz afro-diaspórica.

2. Metodologia

Para o Trabalho de Conclusão de Curso que originou o presente artigo, foram selecionados e lidos integralmente três exemplares do Jornal de Umbanda, dentre os 66 disponíveis na Hemeroteca Digital. As edições escolhidas datam de março de 1952, março de 1957 e dezembro de 1960, sendo, respectivamente, o exemplar mais antigo, um intermediário e o mais recente da série disponível. A escolha ocorreu no intuito de construir paralelos temporais entre os jornais, permitindo observar mudanças e permanências nas narrativas e nas abordagens ao longo da década de 1950.

Embora a Hemeroteca ofereça poucas informações contextuais sobre o periódico, os exemplares indicam que o jornal possuía uma periodicidade mensal, com oito páginas e conteúdos diversos. As publicações abordavam desde normas religiosas e sociais, reflexões sobre a prática ideal umbandista até temas voltados para a maternidade e colunas sociais.

Considerando o jornal como um agente de construção identitária, conforme discute Stuart Hall (1997), o objetivo da pesquisa foi analisar os discursos presentes no Jornal de Umbanda com o intuito de identificar suas narrativas dominantes e analisar seus impactos simbólicos na construção de uma doutrina umbandista, como a permanência na atualidade de muitos discursos racistas. Para isso, os textos foram tabelados e resumidos, acompanhados de localização e extensão, no intuito de facilitar a visualização integral dos jornais. Embora o trabalho original tenha abrangido também imagens, tipografias e propagandas, este artigo se concentrará nos trechos textuais mais relevantes para compreender o movimento ideológico do jornal e de seus colaboradores.

3. Amostra de resultados

Exemplar 1 - Março de 1952 (00016)

Título/Manchete	Assunto principal	Página e tamanho
Falsos Espíritos	Separa a Umbanda da quimbanda, macumba e da “magia negra”, classificando-os como baixo-espiritismo. A Umbanda possui uma doutrina séria, e pratica a caridade gratuitamente.	Capa (página 1); 12 parágrafos
Umbanda	Cita os pretos velhos como exemplo da parábola “Os humildes serão exaltados” e explica que os ex-escravizados, após evoluírem, atuam auxiliando aqueles que os torturaram em vida.	Capa (página 1) com continuação na página 3; 5 parágrafos.
Explicação Necessária	Explica e defende o trabalho da União Espiritista de Umbanda enquanto agente unificador da religião. Explica que o Jornal de Umbanda é um instrumento de aprendizagem em meio a escassez de boa literatura sobre Umbanda e que não objetiva lucros comerciais.	Começa na página 8 e continua na página 2; 16 parágrafos

Exemplar 2 - Fevereiro e Março de 1957 (00069)

Título/ Manchete	Assunto	Página e tamanho
Carnaval	Crítica a festa de carnaval, cheia de tentações demoníacas, e reforça que verdadeiros cristãos umbandistas não devem “trocar 3 dias de prazer por uma vida inteira de paz”.	Capa (página 1); 5 parágrafos.
Gajulô... Orixá... Obá...	Poesia na qual o eu lírico repele o contato com pessoas “gran-finas” que vivem em “perpétuo carnaval”, consideradas ordinárias por ele, e prefere negros e proletários.	Página 2; 3 estrofes.
Qual o valor dos defumadores?	Explica a importância e a função dos defumadores, que atuam como um banho de ervas para o ambiente, elevando a vibração do local.	Página 2; 1 parágrafo.
O Pretinho Escravo (Pelo espírito de Cabocla Yara, para os netinhos de pai Thomás)	A história narra a vida de um menino escravizado, que morre aos 9 anos após torturas. Na sua morte, o senhor do engenho se arrepende e constrói uma capela em sua homenagem, “branca como a alma do pretinho”. O texto exalta o perdão do Senhor e transforma a Casa Grande em símbolo de redenção e bondade, mesmo com escravizados.	Página 4 (Página do Lar); 14 parágrafos.

Exemplar 3 - Outubro, Novembro e Dezembro de 1960 (00102-00104)

Título/ Manchete	Assunto	Página e Tamanho
Porque se usa álcool em Umbanda	Aborda as propriedades e funções do álcool dentro da Umbanda, ressaltando a sua dualidade: pode ser bom e pode ser mal - é imperioso saber manuseá-lo. Elucida usos históricos dele. Para o autor, também pode ser usado para atrair espíritos de energia pouco	Página 7; 46 parágrafos.

	evoluída, citando a exemplo um “índio” que não iria se aproximar de um diplomata, citado como uma alma mais evoluída, mas que a bebida alcoólica pode aproximá-los para a evolução do indígena.	
EXU	Considera o Exu como um espírito das trevas, “com quase nenhuma elevação” que pode trabalhar tanto para o mal, como para o bem, sendo, na Umbanda, servo dos Orixás. Complementa afirmando que toda “Magia Negra” é realizada por Satanás, o chefe de muitos Exus. Diz ser necessário saudá-lo antes de qualquer trabalho para que esse tenha êxito, pois mesmo sendo uma entidade do mal e interesseira, pode trazer benefícios.	Página 7; 35 parágrafos considerando listas.

4. Discussões

No que diz respeito à estrutura jornalística do Jornal de Umbanda, é possível perceber uma mudança estrutural no decorrer da década. O exemplar mais antigo conta com textos mais opinativos, por vezes escritos de forma passivo-agressiva e em primeira pessoa, enquanto o último já predominam textos de teor informativo, de linguagem mais branda e com menos opiniões pessoais. É possível observar, então, que o periódico analisado seguiu a mudança global de estrutura jornalística do modelo francês para o norte-americano. Há também um aumento significativo, na amostra de 1960, na quantidade de imagens, fotografias e propagandas.

De modo geral, alguns movimentos podem ser observados, como a construção de uma comunidade umbandista, através de colunas que aparecem ao longo da década como Sociais e O que vai pelas tendas, espaços de compartilhamento sobre a vida nas casas de umbanda. A Página do Lar, que desaparece no último exemplar, também é um fenômeno que chama a atenção, dedicada para mulheres, com dicas de beleza, maternidade e culinária, mas praticamente sem menções à religião, um provável indicador do papel da mulher na sociedade.

Mergulhando em seu conteúdo, o Jornal está repleto de violências simbólicas, sobretudo com a comunidade negra e com povos originários, e de investimentos ideológicos da branquitude para tentar comprovar a suposta Democracia Racial. O racismo é mais explícito nas amostras mais antigas e velado nas mais recentes. Ao mesmo tempo que os discursos evocam a cultura e herança negra, como os próprios orixás, reforçam a posição servil do negro na sociedade brasileira, como quando evocam a figura do Preto Velho. Pode-se observá-los, de forma mais explícita, quando o material se preocupa em explicar que “Umbanda não é macumba” ou “magia negra” e relacionados, menosprezando-os, ou quando repudia o carnaval e as “músicas do morro”, esse segundo já em 1957.

Compreendendo o conceito de formação de Imagens de Controle, prescrita pela célebre escritora e socióloga Patrícia Hill Collins (2019), na qual explica que a construção de imagens de controle é importante para normalizar fenômenos prejudiciais à sociedade, como o racismo, citado anteriormente, é possível localizar a construção da figura do negro servil, convocado no texto Umbanda, de 1952, que se utiliza da premissa “os humildes serão exaltados” para explicar a missão de espiritual da entidade Preto Velho: servir. Em vida, escravizados, mas de coração tão puro que, após a morte, trabalham na espiritualidade para curar dores dos brancos que os maltrataram, ensinando o perdão incondicional. A mesma imagem pode ser vista no texto O Pretinho Escravo, de 1957, na qual uma criança preta escravizada é sacrificada para ensinar ao Senhor de Engenho sobre perdão e caridade.

Imagens de controle se referem às ideias que são aplicadas às mulheres negras e que permitem que outras pessoas as enxerguem e as tratem de determinado jeito. Se as mulheres negras acreditam nessas imagens, elas internalizam esse comportamento e se portam de determinada forma. (de Jesus, 2022, página 2)

A figura do indígena, seja nos textos, seja nas imagens, é construída sob um olhar de inocência e pureza, como um indivíduo “bobo” que foi corrompido pela maldade do branco. São figuras exaltadas, apesar de desprovidos de conhecimentos acadêmicos, como os textos reforçam, por sua humildade e ingenuidade – o que os torna passíveis das coisas mundanas. O texto Por que se usa alcool em umbanda? É um indicador de como os povos originários, ainda chamados de “índios” eram vistos por aquela sociedade: selvagens de bom coração, mas de mente fraca, a ponto de caírem nos vícios carnis do alcool. No texto citado, o jornal afirma que um diplomata, espírito de “alto escalão”

precisaria se “fantasiar de índio” e usar álcool para se aproximar de um espírito indígena, de baixa evolução, para capturá-lo e guiá-lo pela luz.

Outro exemplo importante para ilustrar o referenciado é o texto, escrito em forma de poesia, do exemplar 1957, “Gajulô... Orixá... Obá...”. Nesse texto, o eu lírico defende que ele, enquanto uma pessoa branca e de elite, em tese, prefere a companhia “do negro, do bulgre, do proletário”, pois não adiantaria a educação “gran-fina” se o branco vivesse em um “eterno carnaval” - mais uma vez, citado como algo ruim. Ao final da poesia, o autor escreve “antes da casaca e da gravata eu ponho - o arco, a flecha, a tanga e o cocar.”, em referência aos povos originários em uma imagem fantasiosa

5. Considerações finais

Percebemos afinidades discursivas entre o Jornal de Umbanda e a teoria da Democracia Racial, proposta por Freyre, anteriormente citada. Por vezes os textos tentam retratar uma ideia de harmonia entre as três raças, que aconteceu em razão do altruísmo negro, capaz de perdoar as barbáries e evoluir espiritualmente, guiando o branco para a luz. O mesmo com povos originários, tidos como figuras meigas e dóceis, mas que precisariam ainda de alguns auxílios na caminhada de evolução espiritual.

De influências externas à religião, sobretudo o Kardecismo exerce maior domínio sobre as ideologias propostas, ressaltando o ideal de caridade como instrumento de validação para os trabalhos umbandistas e a evolução espiritual e karma como justificativa para mazelas sociais, ou crimes contra a humanidade, como a própria escravidão. O conceito de evolução espiritual pode ser atrelado ao ideal de civilidade, proposto por Norbert Elias e já comentado no início deste trabalho, fundamental para a ideia de nação brasileira. Podemos perceber a necessidade de civilizar o preto, o pobre e o indígena nos textos, mas sem deixar de exaltar a sua força e humildade, realocadas sempre em favor do discurso do opressor.

Apesar de não aprofundado neste trabalho, as questões de gênero são extremamente marcadas no periódico pela ausência de participação ativa feminina dentro do contexto crítico da religião, o que também nos ajuda a enxergar a década de 50 no Rio de Janeiro e no Brasil. A Página do Lar deve ser percebida como um localizador do papel da mulher, o papel do cuidado, seja dos filhos, seja do marido, da casa, do jardim e de si mesma, sendo esse seu caminho para a evolução espiritual.

O racismo é o mais presente e talvez o que apareça com maior violência dentro dos trechos analisados e citados. Ele aparece de formas diferentes, às vezes mais velado, às vezes mais escancarado, mas sempre sutil, causando, provavelmente, nos leitores da época uma sensação de questão racial superada. Há uma tentativa de incluir negros na sua própria cosmologia, a africana, com seus orixás e entidades, mas sempre os lembrando qual seria o seu papel, para os autores e para parcela daquela sociedade: o de servir. Há ainda atualmente muitos terreiros que enxergam o Preto Velho como uma figura espiritual que evoluiu após perdoar o senhor branco do engenho.

São muitos os pensamentos do Jornal de Umbanda que foram difundidos e são percebidos até a atualidade, dos quais convém destacar, por fim, a associação do Carnaval a um momento de densidade energética, de espíritos ruins ligados à carne, ao pecado, ao sexo, às bebidas; ligação da macumba a “fazer o mal”; a Quimbanda ao demônio e suas façanhas; o Exu ao sangue e ao diabo, à vaidade, ao interesse; o samba e o morro a espaços de perversão e criminalidade. Por isso é tão importante pensar e questionar a Branquitude e a sua forma de moldar e remoldar o mundo com base em seus interesses próprios.

Referências

BENTO, Maria Aparecida Silva. Racialidade e produção de conhecimento. In: Racismo no Brasil. São Paulo: Peirópolis; ABONG, 2002. p. 45-50.

BBC NEWS BRASIL. Como Allan Kardec popularizou o espiritismo no Brasil, o maior país católico do mundo. Disponível em: [<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47751865>]. Acesso em: [15/5/2024].

De JESUS, Lavínia Rodrigues. IMAGENS DE CONTROLE, RACISMO, SEXISMO E POBREZA: AUTODEFINIÇÃO, LUTA E RESISTÊNCIA DE MULHERES NEGRAS. [S.l.]: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), 2022. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2976/3/2022_arti_laviniajesus.pdf.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização. Volume 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DE UMBANDA. Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda. Disponível em: [<https://archive.org/details/primeiro-congresso-brasileiro-do-espiritismo-de-umbanda>].

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Effective evaluation. San Francisco: Jossey-Bass, 1981.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart (org.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. 2. ed. London: Sage/Open University, 1997

JUNIOR, E. B. OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, A. C. O; L.SCHNEKENBERG, G. F. Análise documental como percurso metodológico. Cadernos da Fucamp, v.20, n.44, p.36-51/202.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. São Paulo, SP: Editora brasiliense, 1991.

SOUZA, Fabíola Amaral Tomé de. Jornal de Umbanda: em defesa das “boas” práticas religiosas. Disponível em [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548953101_12846eef1bcc3a3e9835eefd6884c4d7.pdf]. Revista UNB, 2017.

SUPER INTERESSANTE. Por que o espiritismo pegou tanto no Brasil. Disponível em: [<https://www.abril.com.br/super/por-que-o-espiritismo-pegou-tanto-no-brasil/>]. Acesso em: [14/5/2024].

TODA MATÉRIA. Indianismo. Disponível em: [<https://www.todamateria.com.br/indianismo/>]. Acesso em: 10 jan. 2025.